Clínica diferencial da angústia[1]

Colette Soler

Falarei sobre os homens e as mulheres angustiados e, é claro, de suas diferenças. Poderia ter como epígrafe dessa minha conferência a seguinte observação de Lacan em seu *Seminário: Mais, ainda*: tudo o que se pode dizer por quem quer que seja sofre as conseqüências da parcialidade do sexo. Isso significa que o que dizemos se formula unicamente pelo ponto de vista sexual.

No que diz respeito às mulheres, é preciso dizer que Lacan nunca agiu como Tirésias. Tirésias, como vocês sabem, acreditou que o gozo das mulheres era mais importante; dizia inclusive que este era sete vezes mais importante! No que se refere à angustia, houve alguém que agiu como Tirésias: Kierkegaard, considerado o primeiro dos filósofos existenciais, que escreveu uma obra intitulada *O conceito de angústia* e não hesitou em dizer que as mulheres eram mais angustiadas.

Lacan faz muitas referências a Kierkegaard em sua obra, especialmente em *O Seminário, livro 10: A angústia*.[2] Dei um curso sobre esse seminário há quatro anos e voltei a lê-lo agora, pensando em vocês. Nesse seminário, Lacan se refere duas vezes a essa observação de Kierkegaard. Na primeira delas, ele a põe em dúvida, ao se perguntar "será que isso é verdade?", para, no fim do seminário, afirmar que era, tendo inclusive utilizado o título do livro de Kierkegaard em um de seus esquemas. Não me estenderei nisso, pois me dou conta de que minha exposição é muito longa. Entrarei diretamente no tema da conferência.

Em Freud, a referência da questão da angústia ao complexo de castração é conhecida. É verdade que ele, em *Inibições, sintomas e angústia*[3], de 1927, faz uma generalização, mas é da castração que ele parte. O mais simples, portanto, é retomar seu ponto de partida. Digamos que há, inicialmente, um Freud contra Kierkegaard. Ainda que eu não ache que Freud cite Kierkegaard muitas vezes, gostaria de enfatizar inicialmente um contraste, ou melhor, não exatamente um contraste, mas uma inversão da posição de Freud para a de Lacan sobre a clínica diferencial da angústia. Para Freud, trata-se de algo simples, ainda que ele sempre seja

[1] Helena Bicalho, psicanalista, professora do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – São Paulo, recebeu Colette Soler no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, na condição de primeira convidada estrangeira do Laboratório de Psicanálise Jacques Lacan, pertencente a esse departamento. A conferência de Colette Soler a seguir foi proferida no dia 11 de novembro de 2004, por ocasião do IV Encontro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (Brasil), realizado em São Paulo, sob os auspícios da AFCL.

[2] Lacan. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-3)

[3] Freud. Inibições, sintomas e angústia (1927).

mais complexo do que parece. A tese que defende é esta: nas mulheres, o complexo de castração não toma a forma de angústia e aparece como inveja. Na tese freudiana, portanto, as mulheres são menos angustiadas porque nada têm a perder. Já que a angústia da castração é, segundo Freud, o temor pela perda do órgão, esta só pode afetar aqueles que o têm. Assim, enquanto ao homem cabe a angústia, a mulher permanece com a inveja.

Freud insiste. Nas mulheres, não haveria nem mesmo a angústia superegóica decorrente do supereu paterno e que sempre comanda as sublimações na cultura. Também é verdade que Freud nuança um pouco essa tese em 1927, ao dizer que há nas mulheres algo homólogo à angústia de castração, que não têm o temor pela perda de um órgão que não possuem, é claro, mas, em vez disso, possuem, diz ele, angústia pela perda do amor do homem, ou seja, a angústia de perder o falo de que dispõem por procuração por intermédio de um homem.

Reformulo essa posição freudiana desta forma: ele nuança sua questão "O que querem as mulheres?" e confessa que não entendeu nada sobre as mulheres, que continuam sendo um enigma até o fim de sua obra. Mesmo assim, ratifica a primeira tese em *Análise terminável e interminável*[4], ao afirmar que, enquanto a análise dos homens esbarra na angústia de castração, a das mulheres esbarra na reivindicação. Freud, portanto, encerra as mulheres em um triângulo formado pela inveja, pela reivindicação e, no fim da análise, pela depressão, uma vez que a reivindicação não é alcançada. Como vocês sabem, essas teses são muito evidentes e produziram indignação na cultura, especialmente nas correntes feministas, mas não somente nelas. Entre os pós-freudianos, houve tentativas de corrigir esse ponto de vista. Seria preciso indagar a respeito do que levou Freud a defender essa tese. Tinha pensado em dizer alguma coisa sobre isso, mas também não o farei.

Gostaria de dizer, de imediato, que Lacan defende teses totalmente opostas a essa, e não somente a partir dos anos 1970, do famoso seminário *Mais ainda*, em que traz algo novo sobre a feminilidade. Ele reformula essa problemática freudiana desde 1958, como mostrei em meu livro *O que Lacan dizia das mulheres*[5]. Lacan formula a dissimetria entre homens e mulheres da seguinte maneira: no fim de seu texto sobre a sexualidade feminina[6], em *Escritos*, ele chama os homens de detentores do desejo, e as mulheres de apelantes do sexo. Na origem dessa palavra em francês, há *apelo*, mas também apito. Em francês, ouvem-se apelo e apito. Ele considera explicitamente o homem como aquele que deseja e que, desejando, é castrado. Trata-se,

[4] Freud. Análise terminável e interminável (1937).

[5] Soler. *O que Lacan dizia das mulheres* (2005)

[6] Lacan. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960).

portanto, da inversão da afirmação freudiana. As mulheres, que não têm o pênis, são as não-castradas. Evidentemente, é preciso explicar isso porque senão pode parecer algo arbitrário. Lerei uma frase que é muito importante sobre isso e que está na página 744 da edição brasileira dos *Escritos*. Nessa frase, ele fala sobre a posição das mulheres no par sexual, no corpo-a-corpo sexual, no plano do que ele próprio designa como concorrência sexual, já que atribui às mulheres um gozo que diz ser rival do desejo do homem. Vejamos, então, o que ele diz sobre as mulheres: há nas mulheres "um esforço de gozo envolto em sua própria contigüidade para se realizar rivalizando com o desejo que a castração libera no macho [...]".

Traduzi esse esforço feminino no nível sexual pela seguinte expressão: "gozar tanto quanto ele deseja". A inversão é bem clara, não? É aquele que tem o órgão que se depara com o -φ da castração, que é uma forma de escrita que procura definir a palavra castração: é esse menos, essa subtração, que é a condição do desejo como vetor em direção ao objeto complementar. Só se pode desejar a partir de um menos. A partir do mais se pode fazer muitas coisas, mas não se pode desejar. Por outro lado, para Lacan, o menos não caracteriza a mulher no nível sexual.

Essa inversão de perspectiva exige uma explicação. Senão, poderíamos dizer, como a partir de uma mesma experiência analítica se pode chegar a fórmulas tão opostas? É evidente que introduzo aqui um primeiro parêntese. Lacan dizer que a mulher não é castrada não exclui o fato de que, na condição de ser falante, como todos os demais seres falantes, ela seja marcada pela falta. Não é como sujeito universal que ele diz que a mulher não é castrada, mas sim como ser sexuado que possui um corpo implicado na relação sexual. Do mesmo modo, quando ele diz que o desejo liberado pela castração no macho – trata-se de um termo etológico, macho – acentua o portador do órgão, introduz uma outra maneira de conceber a castração e de supor uma relação de solidariedade entre a existência do órgão no macho e do que se chama, em psicanálise, castração. Na verdade, Lacan não está longe da conclusão de que a castração não é o que Freud acreditou ser, ou seja, que a castração é a falta do órgão. De fato, as mulheres são privadas desse órgão, e não é a psicanálise que diz não há pênis. Desde o nascimento, quando se diz que não há pênis, atesta-se que é uma menina. Trata-se, portanto, não de uma castração, e sim de uma privação real.

Para Lacan, a castração não é a castração do complexo de castração freudiano, não é o que Freud descreveu como

temor pela perda do órgão ou a inveja do órgão. Para entender a questão, é preciso perceber que Lacan, especialmente após o *Seminário, livro 10: A angústia*[7], reformula a castração em termos reais. Não entrarei em muitos detalhes sobre isso, mas direi algumas coisas. A castração não é uma perda do órgão porque, em geral, o homem não perde o órgão. A castração é uma perda real de vida, de um pedaço de vida. Freud teve uma pequena intuição a esse respeito quando falou sobre o objeto perdido originário, e o que Lacan chama objeto *a* é o nome dessa perda, ou melhor, a designação dessa perda. Em outras palavras, como diz Lacan, o fato de o sujeito ser um ser falante implica um corte real sobre o corpo vivo que subtrai uma parte de vida sob a forma de um órgão. Nesse contexto, mas sem justificar esse ponto, é preciso procurar entender como Lacan, a partir disso, explica por que o detentor do órgão a partir do qual se fabrica o significante fálico (que não é o órgão) sofre as conseqüências da castração definida pela queda do objeto. Ele o explica no *Seminário: a angústia*, ao se referir ao que acontece em uma relação sexual entre um homem e uma mulher. Vocês verão, ao ler esse seminário, que ele acentua bastante a função da detumescência do órgão no momento do orgasmo. Ele volta a isso em muitas passagens, para dizer o que o funcionamento do órgão masculino na relação, especificamente no momento da detumescência, realiza repetidamente, uma vez que geralmente esse ato se repete, a queda desse objeto, desse pedaço de corpo, na abordagem do Outro do desejo e do gozo.

[7] Lacan. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-3)

Ora, isso explica o fato de Lacan dizer que a castração se refere especialmente ao homem. Como sujeito, o homem está em pé de igualdade com as mulheres: sujeito barrado, falta a ser. Na condição de ser sexuado, de corpo sexuado, todavia, ele experimenta essa queda do objeto fálico. Há muitos exemplos disso na clínica tanto das mulheres quanto dos homens, a ponto de Lacan ter dito que, na relação sexual, a subjetividade está focalizada sobre o momento da queda do objeto. Existem, aliás, inúmeros fatos acumulados na história da psicanálise desde Freud sobre os efeitos do coito interrompido e sobretudo sobre os efeitos da ejaculação precoce, ou seja, sobre os casos em que o momento da detumescência é caracterizado por certas anomalias.

Ao frisar que o orgasmo é o próprio local da angústia, abrimos uma questão de saber por que o orgasmo é satisfatório. Nesse contexto, Lacan toma a detumescência do objeto fálico como paradigma, no plano sexual, dos outros cortes que destacam o que a psicanálise chama de objetos parciais, e que são,

todos eles, pedaços do corpo: o seio, o excremento, o olhar e a voz. Vocês entendem, então, por que Lacan diz que a mulher não é castrada na relação sexual. É porque a detumescência está do outro lado, isto é, ela não tem o órgão que remete precisamente à queda do objeto fálico. Ela pode registrar essa queda, isso tem efeitos para ela, mas é o homem quem sofre o golpe. Lacan tem esta fórmula, que levei muito tempo para apreender, mas que agora me parece evidente: na sexualidade, o gozo da mulher não depende de seu desejo, mas sim do desejo do Outro, concluindo-se desse fato sua superioridade em matéria de gozo.

Vocês vêem aqui a inversão em relação às ressonâncias freudianas. Toda vez que Freud fala das mulheres há uma nota pejorativa; em Lacan, ocorre o oposto, ainda que ele tenha falado um pouco mal das mulheres. No momento em que se percebe que a castração não é imaginária, pois não se trata de algo que foi tomado, cortado ou dado, nem simbólica, pois não há autor, nem agente, estamos no nível real, no nível de um efeito de linguagem sobre um vivente que fala. Nesses termos, a angústia do homem é muito mais simples que a angústia da mulher. O problema, portanto, não é saber se representa mais angústia ou menos angústia, pois como isso poderia ser medido se as conjunturas precisas não são as mesmas?

A angústia masculina se situa inteiramente no nível da queda da potência: ela é produzida pela iminência dessa queda. Digo potência, mas deixo o termo meio vago propositadamente. A potência é prioritariamente sexual, mas se desloca metonimicamente para campos que não são aparentemente sexuais, como o campo do poder, da política, e o campo do saber. Quando Lacan diz que o gozo fálico é o gozo do poder, isso abarca o que se passa não só na relação sexual, mas em todos os campos da realidade. Na verdade, Lacan zomba de Hegel a esse respeito, do Hegel que vocês conhecem: o campeão da negatividade criativa da civilização em seus efeitos culturais. Lacan o ironiza ao dizer que, para o homem, a negatividade começa na parte inferior de seu ventre, sendo talvez esta a razão de ele se interessar bastante pelas realizações da civilização.

Em relação às mulheres, que não são castradas no nível da relação sexual, qual a relação de sua angústia com a queda do objeto fálico? Há uma relação que o próprio Freud percebeu na questão da ejaculação precoce e do coito interrompido: é possível que a interrupção da ereção de um homem angustie uma mulher. Para Lacan, isso não é um defeito de seu

próprio gozo e se deve ao fato de que a queda do órgão põe o falo em questão. O falo, significante ou imagem, é o inverso do órgão, a representação do órgão ao avesso de sua função no sexo, ou seja, o falo é o órgão ereto. Na verdade, a detumescência também toca à mulher no que diz respeito à aspiração à onipotência, ou seja, a uma potência que jamais cairá. Seria preciso retomar aqui os desenvolvimentos muito originais de Lacan sobre Don Juan, presentes em vários textos e sobretudo no *Seminário: mais ainda*.[8]

[8] Lacan. *O Seminário – livro 20: Mais ainda* (1972-3).

Don Juan é um sonho de mulher, ou seja, um sonho de um homem que não seria castrado, que não sofreria o golpe dessa queda do órgão fálico, um homem que seria realmente o contrário de um homem de verdade. É por isso que Lacan diz que ele é não só o sonho de uma mulher, mas também uma figura feminina, não castrada. Além disso, evidentemente, ele faz existir *a mulher*, porque não importa qual mulher passe na sua frente, *odor de femina*; ele sempre está pronto, e não falha. Compreende-se assim que a detumescência entristeça as mulheres. Voltarei a isso, que é algo mais complicado do que o que acabei de dizer.

Gostaria de enfatizar que uma das razões fundamentais da angústia feminina é que uma mulher está diretamente confrontada com o desejo do Outro; seu próprio gozo depende disso. Não estou falando de amor, que é outra coisa. Diretamente confrontada quer dizer que ela não possui nenhum objeto para interpor a isso. Devemos observar que falar da queda do órgão na detumescência tem um lado angustiante, é claro, mas também um outro aspecto muito tranqüilizador que Lacan ilustra ao evocar o lagarto, que, como vocês sabem, ao se sentir ameaçado, deixa sua calda e foge. Vê-se muito isso no mundo animal. A capacidade de alguns animais de, pegos em uma armadilha, cortar com os dentes a parte presa para fugir. Entende-se, então, que a detumescência, na aproximação do gozo, especialmente do gozo da parceira, tem também uma função de separação.

A detumescência angustia, mas a aproximação do gozo do Outro também. Em outras palavras, ceder o objeto tem uma função de separação. Na verdade, isso evoca um fato clínico do lado homem que eu chamaria de *homens-lagarto*. Talvez os que sofrem de ejaculação precoce sejam homens-lagarto: eles desistem facilmente diante da aproximação do Outro. Há outros fatos clínicos desse tipo, por exemplo aqueles homens que, assim que acabaram de fazer amor, precisam sair correndo. Isso existe, sobretudo não permanecer no mesmo leito! É im-

possível ficar na mesma cama e dormir ao lado da parceira, e em geral as mulheres se ofendem com isso, mas isso existe.

Digo, então, que as mulheres não têm esse recurso de um objeto que pode ser cedido e que tenha essa função separadora, pois o objeto – não direi que é ela própria, mas sim o objeto do Outro, o objeto masculino – está ao seu lado. Nesse sentido, tudo bem quando Lacan diz que a mulher não é castrada, mas precisamos acrescentar: não castrada, porém muito mais alienada no desejo do Outro, no desejo do homem, pois só ele, diz Lacan, testemunha sua inserção no campo do desejo. A angústia principal das mulheres, portanto, desenvolve-se nesse campo ligado ao desejo do homem.

Eu diria que há duas fontes para a angústia nessa relação com o desejo do homem: a primeira, quando uma mulher é visada pelo desejo sexual de um homem que ignora, e isso é estrutural. Ela ignora o objeto que causa esse desejo, e isso quer dizer que ela não sabe o que se quer dela. Para Lacan, trata-se de uma fonte de angústia muito potente, a ponto de ele dizer que uma mulher, quando é realmente visada por um desejo, foge. Ela não pode ceder o órgão fálico e foge inteira. Mas o que quer dizer visada por um desejo? Quer dizer um desejo que visa além do orgasmo, do qual, diz Lacan, não se pode imaginar até onde pode querer chegar. Como ele próprio diz, a detumescência do homem, por meio da qual ele se separa, é para ela não somente angustiante, mas também profundamente tranqüilizadora. Isso está nas páginas 306 e 307 da edição francesa do *Seminário: A angústia*: quando o homem está desarmado (ouçam ai "detumescência"), não se sabe muito bem o que ela ganhou; mas sabe-se que, ao menos, ela pode ficar tranqüila com as intenções de seu parceiro. Lacan evoca algumas passagens especialmente divertidas de T. S. Eliot em *The Waste Land*[9], em que este diz que quando a relação sexual acaba, a mulher penteia seus cabelos e muda o disco. Isso é de Elliot, não de Lacan. Mas ele nota que isso mostra grande perspicácia, pois isso a alivia da angústia do desejo do Outro.

[9] Eliot. *The Waste Land* (1922).

Essas observações de Lacan me fizeram compreender também um pequeno fenômeno clínico sobre o qual durante muito tempo me questionei. Algo que vocês podem observar na vida cotidiana: é que os senhores cujos meios falham muitas vezes interessam às jovens mulheres. Entende-se muito bem por que as jovens mulheres interessam a esses velhos senhores: ao colocar em cena uma jovem mulher, eles proporcionam para si próprios um falo compensatório. Isso é clássico, mas o que se passa do outro lado com as jovens mulheres?

Sabe-se que há muitas vezes compensações financeiras; se ele for rico, melhor. Às vezes, compensações decorrentes da fama, mas nem sempre, e é isso que é surpreendente. Para mim, a lógica desse fenômeno é que a conjugação do desejo com a impotência do órgão faliciza a mulher; agalmatiza-a, sem o risco que evocamos anteriormente. É um caso de repositivação do falo contrário às aparências. Trata-se, na verdade, de um desejo que faliciza sem ameaçar. A primeira causa então, a primeira vertente desse desejo do Outro, é a de ser visado como um objeto ignorado.

O outro risco, a outra vertente angustiante, é o de que esse desejo falhe, pois, quando não há desejo do homem, uma mulher cai no que Lacan chama campo fechado do desejo sexuado. Dito de outro modo, ela é ejetada da cena desse desejo. Mais uma vez, poderíamos evocar Don Juan. Isso não ocorreria com ele, mas na vida acontece. E conhecemos seus efeitos de angústia e depressão produzidos nas mulheres quando o abandono do homem é eminente ou efetivo. Como as mulheres lidam em geral com essa angústia? A solução comum fora da análise foi evocada por Joan Rivière: elas atuam a mascarada, que é uma estratégia para atiçar o desejo, mas possui a dificuldade de não se saber qual é o objeto desse desejo. No fundo, essa mascarada tem uma dupla função para as mulheres: atiçar o desejo do Outro como acabei de dizer e, ao mesmo tempo, ter uma função de defesa. Uma defesa, quando se constitui como uma imagem agalmática, sedutora, é uma maneira de fazer um anteparo diante do objeto desconhecido do desejo do Outro. Há nas mulheres, então, o que se pode chamar de uma angústia da travessia da mascarada em direção ao real do objeto. Creio ser possível dizer que, no campo sexual, os recursos e as causas de angústia são mais variados nas mulheres que nos homens.

É preciso, porém, acrescentar duas coisas a isso: essa relação com o falo não acontece apenas na relação sexual. Digo isso em relação aos homens, mas é verdade também para as mulheres. No meu livro, insisto no fato de que, em nossa civilização, vimos em muito pouco tempo o que se chama emancipação das mulheres; com os valores dessa paridade entre homens e mulheres, assistimos a uma extensão do campo da angústia para as mulheres. Isso quer dizer que, hoje, elas compartilham as mesmas angústias decorrentes dos sucessos e dos fracassos. Quiseram isso, alcançaram-no, pior para elas. Não era assim na época de Freud, pelo menos não de forma maciça, pois – aqui há um fator de civilização – as mulheres estavam confinadas no espaço da casa, da família. Suas angústias, por-

tanto, estavam limitadas àquele espaço, estavam relacionadas com o desejo dos mais próximos: o homem, os pais, as crianças, os filhos. Tinham muito menos oportunidades de angústia. Hoje, todavia, mostram cotidianamente que, no campo das realizações fálicas, podem fazer tanto quanto os homens seja no trabalho, seja no esporte, na *performance*, na política, na pesquisa e no saber.

Evidentemente, essas novas possibilidades abrem um campo de novas preocupações. Por isso, disse que elas compartilham as angústias pelos fracassos e pelos sucessos com algo mais, um elemento a mais de angústia: é que o êxito fálico, no campo da realidade, gera nas mulheres a preocupação sobre sua identidade de mulher. Joan Rivière também percebeu isso muito bem, e aqui há uma diferença em relação aos homens: quanto mais um homem tem êxito – digo não apenas sexo, mas no campo falicizado da realidade –, mais ele afirma sua identidade de homem. Uma mulher, contudo, quanto mais tem sucesso nesse campo, mais se preocupa com sua feminilidade porque esse sucesso não a identifica sexualmente. Podemos repetir outra fórmula de Lacan a esse respeito: é preciso escolher entre ter e ser o falo. A apropriação fálica, que é acessível aos homens e às mulheres e passa pelo próprio desejo do sujeito, ameaça nas mulheres o seu ser fálico através do desejo do homem.

Creio, então, que a condição feminina atual é uma condição em que a mulher acumula todas as condições de angústia. Não é engraçado, mas é verdadeiro. Isso gera novos sintomas nas mulheres, já que a angústia está na origem dos sintomas e o sintoma já é um tratamento da angústia. Vemos aparecer entre as mulheres sintomas que Freud acreditava reservados aos homens. Primeiro, a inibição. Evidentemente, só pode ser inibido aquele que pretende empreender algo. Vemos também o rebaixamento da vida amorosa, que é uma configuração que Freud descreveu para os homens e que ele acreditava ser tipicamente masculina e consistir em uma divisão do objeto entre o objeto de amor e o objeto de desejo: aquela que ele ama, ele não deseja, e ele só deseja aquela que não ama. Há, portanto, uma divisão: uma única que se ama e uma série que se pode desejar. Hoje, encontramos isso entre as mulheres: um homem do amor, com quem, sexualmente, a coisa funciona mais ou menos, e toda uma série de homens para o sexo.

Poderia dizer também algo sobre a angústia própria da devastação. Está no meu livro, mas não posso desenvolvê-lo porque não temos tempo. Não da devastação no campo da mãe, como diz Lacan, ou do homem. A palavra "devastação"

contempla apenas um dos aspectos da palavra *ravage* em francês. Talvez devêssemos dizer "devastação subjetiva", seria melhor. Há, portanto, uma angústia da devastação que se liga a características próprias do gozo dito Outro por Lacan, que é um gozo especial, não identificado. Não se sabe onde ele está, pois não tem uma localização corporal. Não identificado, ele é enigmático e, além disso, não é identificante, não compensa a alienação fálica com a identificação feminina com um gozo Outro. Isso não existe.

Concluo, então. Vocês entendem agora por que as mulheres amam tanto o amor, o amor que não é nem desejo, nem gozo? O parceiro do amor não é aquele do desejo e também não é aquele do gozo. O amor é um aparador para a angústia. As ocasiões de angústia se multiplicam, mas o apelo ao amor insiste, o que talvez explique o fato de as mulheres serem, na evolução da civilização capitalista, as últimas a sonharem com o amor, com o grande Amor com a maiúsculo.

Helena Bicalho

Gostaria de agradecer a conferência e abordar algo presente em seu livro *O que dizia Lacan das mulheres*. Retomarei algumas teses que você nos trouxe para encaminhar um pedido de comentários. Num primeiro momento, você diz que a angústia do homem é mais simples que a angústia da mulher e que as mulheres são mais angustiadas que os homens. Num segundo momento, você propõe a tese de que essa clínica diferencial da angústia toca questões diferentes na relação entre desejo e gozo no homem e na mulher. Tomando esses dois pontos de partida, eu pediria um comentário sobre a angústia feminina, já que, de um lado, você disse que a angústia da mulher está diretamente confrontada com o desejo do Outro, que ela não tem um objeto a interpor, e em seguida, de outro, você comenta a mascarada feminina para dizer que é nesta que a mulher pode colocar um anteparo ao que ocorre ao ser confrontada com o desejo do homem. Parece-me que nesse anteparo há também uma estratégia para atrair o desejo.

Do lado do homem, haveria então, a partir dessa queda do objeto fálico relacionada à sua angústia, uma maneira dele lidar com ela produzindo metonímias, indo para o poder, para a política, para o saber etc.? Há aí um ponto interessante: do lado da angústia feminina, para que a mulher lide com a sua angústia, haveria um direcionamento ou mesmo uma dependência do desejo do homem, enquanto o homem não dependeria, para lidar com a sua angústia, de qualquer direcionamento à mulher; ele se dirigiria a substitutos, como a política, o poder, o saber, que ele próprio conquistaria.

Colette Soler

A primeira pergunta era sobre a mascarada feminina. O que frisei foi a dupla função da mascarada. Para entender o que é a mascarada, é preciso ter em mente a distinção entre o objeto causa do desejo, esse famoso objeto *a*, do qual não tratei, e o objeto visado pelo desejo. O objeto visado pelo desejo é um objeto que aparece no campo comum dos objetos e, no fundo, é um objeto que tem uma imagem. Se ele abriga o objeto *a* de Lacan, é um objeto revestido por ele. É por isso que há técnicas para tornar os objetos do desejo sedutores; enfeitá-los, fazê-los tomar algumas formas desejáveis. Há uma acomodação – trata-se de um termo culinário – das figuras de objetos. A figura não é somente a imagem, mas também todo o modo de ser, de falar ou de não falar: "Seja bela e fique quieta...". A mascarada, então, consiste em montar um objeto visado pelo dese-

jo para atrair o desejo. Essa é a sua primeira função, a função de isca, que, ao mesmo tempo, representa uma cobertura, uma cobertura do próprio objeto *a*. Lacan usou uma bela fórmula em *Televisão* para dizer isso, uma fórmula muito boa, que eu reutilizei no meu livro: a mascarada consiste em se "dar ares de sexo", mas desses ares até o ato há surpresas algumas vezes. Por isso, falei de angústia da travessia da mascarada.

No que diz respeito à angústia masculina, como cortei um pouco o que eu diria, talvez não tenha enfatizado o suficiente um aspecto. Falei sobretudo da angústia pela queda do objeto, pela queda do instrumento da potência, mas quando disse que essa queda também tem a função de separação, não explicitei que, na verdade, há um nível mais fundamental da angústia no próprio homem que é a angústia diante do Outro barrado, e que a mulher, muitas vezes, encarna para ele a angústia diante de seu desejo, a angústia diante de seu gozo. Disse que era mais simples, porém devemos nos dar conta também dessa função separadora. É por isso que Lacan, no seminário sobre a angústia, fala de um desejo de castração e da angústia como um índice desse desejo de castração, como desejo de separação em relação à angústia fundamental.

Renata Petri [Doutoranda do Instituto de Psicologia da USP]:
Nesse panorama das condições atuais da feminilidade, você poderia dizer algumas palavras sobre a questão da homossexualidade feminina?

Ana Laura Prates [EPFCL–Fórum São Paulo e Doutoranda do Instituto de Psicologia da USP]:
Gostaria de agradecer seus desenvolvimentos sobre essa questão da feminilidade. Minha pergunta é bastante curta e precisa. Fiquei em dúvida quando você abordou a questão da função de separação provocada pela detumescência. Pergunto se seria possível articular essa função de separação com a tese de Lacan no *Seminário 10* de que a angústia não é sem objeto, ou seja, como a detumescência, de certa forma, presentifica o objeto *a*?

Colette Soler
A primeira pergunta sobre a homossexualidade feminina é muito vasta. Tentei desenvolver isso no meu livro. Para mim, é preciso começar por distinguir o que é verdadeiramente a homossexualidade. Há, como vocês sabem, no movimento analítico um tema que evoca a homossexualidade da mulher histérica e que pode ser ilustrado como o caso Dora, de Freud: sua

adoração da *Madona*, a Virgem Maria[10], objeto suposto do desejo divino. É assim que Lacan situa a fascinação de Dora pela Virgem, como aquela que sustenta o desejo do Outro.

Pode-se chamar isso homossexualidade histérica, mas isso não é realmente a homossexualidade. Equivale antes à questão sobre a outra mulher como suporte do desejo do homem. Não é a mesma coisa da homossexualidade no nível sexual, das mulheres que chamamos lésbicas. Eu diria que sobre essa questão não há uma tese completamente satisfatória nas elaborações de que dispomos, mas, em todo caso, há uma tese muito forte. Freud não tratou dessa questão, que começou a ser discutida pelos pós-freudianos, em particular Ernest Jones, que fez a biografia de Freud[11] e que, segundo Lacan, tinha grande experiência como analista de mulheres homossexuais. A grande tese introduzida por Jones e na qual ele insiste é que entre as mulheres lésbicas a ligação com o homem permanece essencial. Esta ligação permanece mesmo no nível sexual, como testemunha invisível da cena sexual entre duas mulheres. Isso se acrescenta à tese de que haveria, na posição da mulher lésbica, o esforço para fazer melhor que o homem em matéria de gozo da parceira mulher. Aqui estão os dois eixos de desenvolvimento possíveis.

Lacan disse coisas muito interessantes sobre o tema e se opõe a Freud a esse respeito. Freud teria dito que a libido feminina não é civilizatória, mas em Freud não há nenhuma libido feminina. Freud diz que a posição feminina não tem uma virtude civilizadora. É o desejo do homem que tem a função de criação de civilização. Lacan não diz exatamente o contrário, mas faz uma objeção a Freud a esse respeito sobre a corrente das Preciosas, no século XVII, ao dizer que o Eros homossexual das Preciosas teve função cultural fundamental, ao contrário do que chama de entropia social.

Em relação à segunda questão, se ele emprega essa fórmula, é porque o objeto da angústia é um objeto que não é exibível, não é presentificável. Se entendi bem a questão, consiste em dizer que a queda do objeto fálico é muito bem presentificada. Isso não é propriamente uma objeção à tese de Lacan. É por isso, aliás, que ele faz dessa queda do objeto fálico o modelo da queda dos outros objetos que não poderm ser presentificados.

DIDIER CASTANET [EPFCL–Toulouse/França]

Tenho três observações curtas. De início, o *Seminário 10* é o seminário em que Lacan elabora e constrói o objeto pequeno *a*. Em seguida, a isca é atrativa mas também é um logro. Por fim, acerca da questão da homossexualidade feminina, há, de

[10] Freud. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901])

[11] Jones. *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud* (1958).

um lado, aquela que seria o super-homem e, de outro, aquela que seria uma histérica, que dispensaria o desejo do homem. Uma questão anexa a essa questão sobre a homossexualidade feminina e a da perversão feminina. Correlaciono a perversão feminina, a suposta perversão feminina, em todo caso, à questão da angústia. Que lugar a angústia tem na perversão?

Cristian Dunker [EPFCL–São Paulo]
Gostaria de agradecer a Colette Soler por sua conferência e parabenizá-la pela forma como conduziu a questão da angústia seguindo um método muito próximo do que encontramos no *Seminário 10: A angústia,* ou seja, um respeito muito grande pela fenomenologia dos afetos e as distinções entre angústia, ansiedade, terror e *ravage*. Seria possível falar um pouco mais sobre as distinções fenomenológicas e sua relação com a separação, com a alienação e com o fantasma? Haveria uma fenomenologia distinta da angústia em cada um desses casos?

Maria Lúcia Araujo [EPFCL–São Paulo]
Gostaria de saber se você poderia falar um pouquinho sobre a perversão na mulher, mas em relação à estrutura clínica, se há estrutura.

Colette Soler
Em relação à pergunta de Didier Castanet, da divisão das mulheres homossexuais em dois pólos, concordo com a existência daquelas que pretenderiam ser um super-homem e que, para isso, estariam em vantagem por não terem o órgão em questão, ainda que isso não pareça se confirmar clinicamente. Quanto às histéricas que dispensariam os homens, nunca as vi. É verdade, eu nunca vi isso. Isso talvez tenha a ver com a definição que se dá para a histeria. É preciso saber se estamos falando da mesma definição. Além disso, a expressão 'dispensar os homens' pode ter vários sentidos. Poderíamos perfeitamente 'dispensar' no sentido de deixar de viver no mesmo espaço, sem que se possa dizer que o sujeito dispensa o homem. Mesmo quando se chega à homossexualidade lésbica, isso não quer dizer que se dispensa o homem. Então aqui há questões de definição.

Sobre a questão da alienação, parece-me certo que Lacan a inicia no seminário sobre a angústia e que ela representa uma virada no seu ensino. Isso se cristaliza no ano seguinte, no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise,* posterior aos textos *Posição do inconsciente*, de 1964, e *Do Trieb de Freud*.[12]

[12] Lacan. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964); Posição do inconsciente (1964); Do trieb de Freud e do desejo do psicanalista (1964).

A angústia se situa inteiramente no eixo da separação. Se quisermos escrever a relação do S barrado com o A barrado, é nesse eixo entre o S barrado e o A barrado que ela pode surgir. No eixo da alienação, ou seja, no eixo do discurso articulado com o significante, há muito menos angústia. Pode haver uma angústia latente, mas não é uma angústia que cristaliza no momento da angústia. Isso tem sua lógica. Quando estamos no eixo da alienação, estamos confrontados a um Outro que articula aquilo que ele quer, ou seja, trata-se de um Outro que responde. O A barrado é um Outro que não responde ao significante.

Por exemplo, quando você solicitou aos estudantes e disse a eles: "Façam perguntas", trata-se de um Outro que diz o que ele quer. A única forma que haveria de angustiar é se essa muito gentil e amável demanda se tornasse um imperativo superegóico. Se ela se transformasse em uma voz que dissesse a vocês: "E a sua pergunta?", aí poderia haver um pouco de angústia. Em geral, o afeto dirigido ao Outro que responde não é a angústia. Aí poderiam estar a cólera, a indignação, a recusa, e isso fundamenta algumas vezes atitudes de oposição. Vemos muito isso entre os adolescentes, que tomam precisamente o contraponto do que foi dado como orientação. Há muitos afetos ligados a isso, como, por exemplo, a submissão, o sujeito que entra nos moldes, o bom filho e a boa filha, ainda que isso exista pouco...

Por fim, a perversão, que é a palavra com a qual mais me ocupo. Acho que a essa altura falo dos analistas, e não da civilização. Tenho verdadeiramente a sensação de que eles não sabem mais o que é a perversão, e que se utiliza o termo de perversão um pouco de qualquer jeito. Não sei se tenho sobre esse ponto uma tese muito clara. Lacan, em todo caso, tem uma tese muito precisa sobre o que é um perverso, sobre um sujeito que não é neurótico, mas perverso, e considera que se trata de uma estrutura clínica específica.

Minha intenção é retomar essa questão esse ano, entre outras, para tentar me orientar em tudo que se diz a respeito disso. Hoje, há uma tendência de se ver perversos em toda parte. Por exemplo, um pedófilo não é necessariamente um perverso no sentido da estrutura clínica. Assim, se chamarmos perversão todos os sujeitos que não satisfazem sua sexualidade por intermédio de uma relação sexual com o Outro sexo ou, de uma forma mais ampla, com o mesmo sexo, a perversão não terá o mesmo sentido da perversão no sentido clínico. Há, então, certa confusão instaurada a partir de alguns desenvolvimentos de Lacan. Assim, não respondo à pergunta sobre a existência de mulheres perversas no sentido da estrutura perversa

porque penso que antes é preciso nos assegurarmos das definições do que significa exatamente um sujeito perverso.

TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO
Ana Paula Gianesi e Juliana Hernandez
REVISÃO
Dominique Fingermann
Maria Célia Delgado de Carvalho

referências bibliográficas

ELIOT, T.S. *The Waste Land ant Other Poems.* London: Penguin Books, 2005.

FREUD, Sigmund. (1901-5) Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1994. Vol. VII.

FREUD, Sigmund. (1927) Inibições, sintomas e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1994. Vol. XX.

FREUD, Sigmund. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1994. Vol. XXIII.

JONES, Ernest. *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud.* Paris: Presses Universitaires de France, 1958.

LACAN, Jacques. (1960) Diretrizes para um Congresso sobre a Sexualidade Feminina. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A Angústia* (1962-3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. (1964) Do Trieb de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1964) Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacuqes. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais ainda* (1972-3). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *Télévision.* Paris: Seuil, 1974.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

resumo

Com base nas formalizações de Lacan sobre a questão da castração, essa conferência explora a clínica diferencial da angústia para o homem e para mulher concernindo à relação sexual entre os sexos. Do lado do desejo, como castrado, está o homem e, inversamente, do lado de quem não tem o pênis, as não-castradas, está a mulher. O esforço feminino no tocante ao sexo pode ser traduzido como "gozar tanto quanto ele desejar". Lacan localiza o orgasmo como momento da angústia tanto para os homens quanto para as mulheres, mas com valores diferenciados. Para a mulher, ela é tanto um índice de angústia como assume o valor tranqüilizador, já que ela pode ficar tranqüila nesse momento pela visada sexual do homem. Seu gozo depende não de seu desejo, mas do desejo do Outro. Aí reside sua superioridade em matéria de gozo, mas também uma das razões fundamentais da angústia feminina.

palavras-chave

angústia, castração, desejo, gozo

abstract

From Lacan's formalization about the castration question, this confrence explores the clinical differences of the anguish for men and women concerning the sexual relation among the two sexes. From desire's side, as castrated, is the man and in reverse, in the side of who doesn't have a penis, the women are the non castrated ones. The feminine effort touching sex can be translated as "to joy as much as he desires". Lacan places orgasm as an anguish moment for both men and women with different approaches. To the woman it is not only index of anguish but it also assumes a tranquilizing worth as she can be peaceful in this moment about what men desire's aim is. Her *enjoyment* (*jouissance* in French has the sense of joy and orgasm at the same time), doesn't depend on her desire but on the Other's desire. There lays her superiority in matters of *enjoyment*, but also one of the fundamental reasons for the feminin anguish.

key words

anguish, castration, desire, enjoyment

recebido

25/09/2005

aprovado

10/10/2005